

SUBSÍDIOS
PARA O
ESTUDO ETNOLÓGICO DE TIMOR (1)

POR
ANTÔNIO LEITE DE MAGALHÃES
Major de infantaria

A Ilha de Timor, compreendida entre os paralelos 8°20' e 10°22' de lat. S. e os meridianos 121°17' e 124°40' de long. E., mede uma superfície total de 30.295 quilómetros quadrados (incluindo a pequena ilha de Ataúro, ou Pulo Kambing, com 117 km.²), exercendo-se sobre ela os domínios de Portugal e da Holanda dentro dos limites estabelecidos, primeiramente pelo tratado de 20 de Abril de 1859, e posteriormente alterados pelo acôrdo *ad referendum* de 1902. Tem 500 km. de comprimento por 100 km. de maior largura, e é a mais oriental das ilhas insulindianas, rematando a grande cadeia que vai de Sumatra às portas da Austrália, da qual dista apenas 430 km.

Curiosíssima sob o ponto de vista geológico, não o é menos quando estudada no campo da zoologia e da botânica, e é-o muito mais quando sobre a sua população babélica e heterogénea incide a lente da ciência etnológica.

(1) Sessão científica de 2 de Junho de 1919.

Em carta dirigida ao sr. dr. Alberto Osório de Castro que, numa nótula do seu livro "Flores de Coral," registou algumas interessantíssimas indicações sobre a terra e os povos de Timor, dizia o ilustre geólogo sr. Paul Choffat: "*La géologie de Timor n'est pas complètement inconnue. En 1896 j'ai publié dans les Communicações une brève analyse d'une note de Mr. Rethplatz sur des fossiles de Timor et de Rotti recueillis par Mr. Wichmann. Il y démontre la présence du Permien à Timor et à Rotti, du Triasique, et de presque toute la totalité du Jurassique. Depuis lors un géologue allemand, Mr. Boehm, a commencé dans le Neues Jarbuch une série de monographies sur l'archipel Indo-Australien; l'une par Hirsch a pour titre: "Sur la géologie et la géographie de la partie portugaise de Timor," 15 pages (allemand) avec deux cartes itinéraires. Les fossiles décrits par Boehm font voir que ces îles contiennent des choses fort belles et il y a certainement beaucoup de nouveau à trouver.*" Levantando-se ao Sul da extensa cadeia ignea, de 200 milhas, semeada de vulcões, que vai de Sumatra ás ilhas Morty, ela, que é essencialmente madrepórica e chistosa, mostra-nos todavia os caldeirões ferventes de Bibiluto e do estado indígena de Oèkussi, como a querer dizer-nos que, se muito deve ao trabalho da agua tambem alguma coisa deve à acção do fogo, embora pela encosta das suas montanhas não corra hoje, nem tenha corrido jamais, a lava ardente, que cria e que transforma.

Sob o ponto de vista zoológico e botânico, ela marca nitidamente a transição da fauna e flora asiáticas para a fauna e flora australianas entre as quaes a linha intermediária se inicia na ilha de Lombok correndo para o estreito de Makassar. Desaparecem inteiramente nela muitos dos animaes e plantas que desde Malaca desceram até á ilha de

Bali; assim como nela se não encontram muitos dos animaes e plantas que povoam as terras da Austrália. Mas existem espécies comuns, além de algumas espécies novas, como ficou averiguado pelas pesquisas dos sábios naturalistas Henry Forbes e A. Russell Wallace, visitantes da ilha em meados do século passado. "The flora of Timor—diz Forbes—is one of great interest.,

Avulta, porem, no que respeita a interesse, a questão etnológica, não só porque é ainda hoje a mais ignorada, como tambem porque se me afigura a mais difficil no seu estudo e na sua conclusão. Em 1916, o ilustre antropologista, sr. R. Verneau, apreciando a *Antropologia timorense* e os *Timorenses de Okussi-Ambeno*, ambos valiosísimos estudos do sr. dr. A. A. Mendes Corrêa, escrevia em *L'Anthropologie*: "Il reste, malgré tout, encore beaucoup à faire pour elucidier entièrement le problème de l'ethnologie timorienne., E, todavia, o sr. dr. Mendes Corrêa produzira os seus trabalhos depois das *Mélanges anthropologiques* do dr. H. ten Kate, constituindo os labores scientificos de um de outro o que de mais importante se tem publicado sobre os indígenas timorezes.

Mas não se extranhe que a verdade seja justamente aquela que o sr. Verneau consigna. E não se extranhe, porque o *x* do problema etnogénico de Timor enovela-se em séculos de migrações percorrendo linhas tortuosas, e fazendo paragens em pontos os mais diversos. De qualquer forma que as populações timorezas se estudem—pela antropologia, pela linguística, pela etnografia, pela história e ainda pela sua distribuição geográfica—o caos surge, desnorteante e quasi impenetravel, revelando-se a disparidade das raças que na ilha, e fóra dela, se cruzaram para produzir os tipos e os dialectos que naquele pequeno paiz se observam. Dir-se-ia

que desde a mais ocidental das terras sundanésias até às Filipinas e destas, para sul e leste, até Timor e às Fidji, todos os povos se mestiçaram e emigraram, de forma a criar a Babel de elementos somatológicos tão diferentes, que é a ilha de Timor.

Só muito tarde a sciencia poderá dizer sôbre ela a última palavra e não serão já a prosopografia e a antropometria pura e simplesmente, que a poderão dizer. A justaposição de caracteres físicos, tão rigorosamente observada pelo dr. H. ten Kate, será a rasão impeditiva da destrinça somatológica; e, perdida a esperança de se reconstituir a história, porque na memória dos povos inteiramente se apagou a tradição, teremos de seguir pelos meandros da linguística em busca do fio que nos oriente, e esse será o caminho, embora sinuoso, que mais seguramente nos permitirá alcançar o fim.

A antropologia e a linguística, quando o estudo se efectue relativamente a cada um dos núcleos em que é possível decompôr-se a população timoreza, poderão, conjuntamente, estabelecer a sua origem étnica duma forma iniludível. Mas, para se avaliar da sua dificuldade, bastará dizer-se que eu, tendo consultado algumas dezenas de vocabulários malasianos, melanésios e australianos, em nenhum deles encontrei a menor afinidade com certos dialectos de Timor, e muito especialmente com o *dagadá*, dos povos de Lautem, o *bunak* da região de Bubunaro e outros pontos do Sul, e ainda o *cairui*, o *midik* e o *waimá* das regiões interiores de leste. Isto, porém, não será razão para supôrmos que eles representam raças diferentes das outras raças circundantes; apenas significará que uma absoluta necessidade teria eu de passar em revista outros tantos glossários para descobrir o que baldadamente procurei, e só a Melanésia me poderia fornecer mais duma centena que absolutamente desconheço.

A barafunda étnica em que têm esbarrado todos os que, observando tipos ou mensurando crânios e indivíduos, procuraram definir as raças timorezas, resalta nitidamente das conclusões seguintes:

Hamy, tendo lido na Société d'Anthropologie de Paris, em 1875, uma memória sobre as raças negras de Timor, acabou por concluir que Timor tinha, ao mesmo tempo, Papuas e Negritos, sendo a ilha mais meridional que teria sido habitada pelos segundos e uma das mais ocidentais onde os primeiros se teriam estabelecido. Pela mensuração de dois crânios timorezes, existentes no Muséum, observou que um deles, pelos seus caracteres, era um mixto de Papua e de Malaio, e que o outro era um verdadeiro crânio Negrito.

Em reforço das conclusões desta memória, e apoiado em alguns vocábulos recolhidos pelo illustre marinheiro francez De Freycinet quando, como comandante do "Uranie", visitou a ilha de Timor, em 1817, publicou o dr. H. Lesson, sob a epigrafe "Quelques mots sur les races noires de Timor," (*Revue d'Anthropologie*, 1877) um ligeiro estudo sobre as populações timorezas, assentando no seguinte:

- 1.º Que a maior analogia parecia existir entre a linguagem actual dos Fidjianos puros e a que falava a população timoreza quando denominou as localidades de Timor;
- 2.º Que, por consequência, e visto que os Fidjianos puros não eram senão Papuas, esta população não seria muito provavelmente de raça diferente, isto é, que uma e outra haveriam tido, decerto, a mesma origem;
- 3.º Que seriam, portanto, negros de raça Papua os

primeiros ocupantes de Timor, ou, pelo menos, os que, depois de haverem repellido ou exterminado os Negritos, teriam substituído as denominações destes pelas suas.

De Freycinet, todavia, no relatório da sua viagem (*Voyage de l'Uranie*) só vagamente se referiu á existência, no interior da ilha, de negros de cabelos crespos, de costumes ferozes e duma inteligência inferior, pois que os povos observados por êle reuniam—na sua própria expressão—“todos os traços característicos das nações da Ásia,, destacando os seguintes: “estatura acima da média, com formas regulares; côr da pele amarelo-animado; cabelos negros, duros e usados longos; olhos fendidos; porte desembaraçado; marcha grave e mesmo um pouco altiva; expressão da fisionomia variando de indivíduo para indivíduo...,, E, relativamente a estes indivíduos de caracterisação asiática, escreveu que alguns habitavam Timor desde tempos imemoriaes, e que outros descendiam dos Malaaios de Celébes, principalmente dos Macassares e dos Bughis.

Em 1859, o sábio naturalista inglez A. Russell Wallace, que tão desdenhosa e rancorosamente apreciou a nossa acção administrativa, tendo percorrido uma parte do nosso domínio, referiu-se aos indígenas de Timor nos seguintes termos (*The Malay Archipelago*): “Os montanhezes de Timor são um povo de tipo Papua, de formas um tanto secas; espesso cabelo frizado e a côr da pele pardo-escuro. Têm o comprido nariz de apex pendente, que é tão característico dos Papuas e tão absolutamente desconhecido entre as raças de origem malaia. Na costa ha muita mistura de algumas das raças malaia, e talvez de Hindu, assim como de Portugueses. A estatura geral é mais baixa, o cabelo corredio em vez de frizado, e as feições pouco proeminentes.,

Devo explicar que, para este naturalista, a raça malaia

abrangia todos os indivíduos da côr amarela desde Sumatra á Nova-Guiné, não distinguindo entre Malaaios e Indonésios, ou entre a raça malaia e a raça batak.

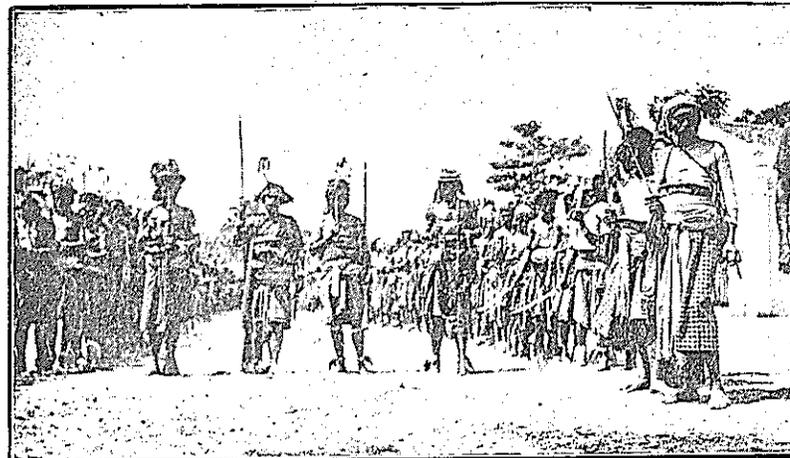
Mais tarde, um outro naturalista inglez, Henry Forbes, que largamente penetrou no nosso território, limitou-se a desenhar alguns tipos de indígenas observados, concluindo por'opinar, que a gente de Timor seria um misto de Malaaios, Papuas e Polinésios (*A Naturalist's Wanderings in the Eastern Archipelago. — A narrative of Travel and Exploration — from 1878 to 1883. London, 1875*). E, observando no mercado de Bubu-Sussu (Bibicusso) alguns indígenas de cabelos ruivos, — “que Earl chamava a *red-haired race*,, — referiu-se a eles nos seguintes termos: “... os meus olhos caíram acidentalmente sobre um objecto que fixou a minha atenção mais do que tudo o restante entre estes selvagens mercadores—um rapaz de cabelos encarnados (primeiro um, depois uns poucos mais), alguns com o cabelo corredio e outros com o cabelo anelado, com sobrancelhas da mesma côr, olhos azues, sendo tambem avermelhado o pêlo do corpo. Descobri, depois de averiguar, que uma pequena colónia desta gente, bem conhecida pela côr peculiar dos seus cabelos e olhos, vive em Hituha...,, E ficou supondo que “a sua presença ali era o excerpto duma longa história,,.

Passa-se, porém, das indicações vagas e indecisas da craniologia e da prosopografia ás mais amplas e rigorosas investigações da antropologia. Lapicque e o dr. H. ten Kate estudam *in loco* algumas das populações timorezas, e, dos seus trabalhos, Deniker extrai a conclusão seguinte: “Timor encerra, além das suas populações costeiras, malaia ou indonésias, tribus impregnadas de sangue papua (*Les races et les peuples de la terre, Paris, 1900, pag. 565*). E o sr. dr. Barros e Cunha, publicando em 1898 a sua *Notícia sobre*

uma série de crânios da ilha de Timor, averigua a existência de tipos diferentes e duma mestiçagem, notando, todavia, que as suas médias se aproximam das dos Papuas da Nova-Guiné. (1)

Numa segunda viagem ao arquipelago timorez, o dr. H. ten Kate aprecia com mais detalhe e mais extensão os povos da ilha, mensurando indígenas de Oeste — *Atoni-Timor*, de Amarassi, e *Atuli-Hélong*, de Cupang — e alguns do centro e norte (litoral) da ilha — os *Ema-Bélu*, da jurisdição de Atapupu — e afirma, quanto aos *Atoni-Timor*, que “o tipo mais frequente apresenta uma mistura curiosa de caracteres de raça negroide e amarela, com preponderância do sangue papúa,; julga, porém, que deve excluir-se uma influência negrito, pelo menos relativamente aos indígenas que observou. Quanto aos *Atuli-Hélong*, conclue que, pelo seu aspecto geral, eles são bem mais de raças amarelas que negroides, encontrando-se esporadicamente fisionomias polinésias, sobretudo entre as mulheres. É o mesmo regista quanto aos *Ema-Bélu*, entre os quais poucos vestígios de sangue negroide constatou, observando ainda que os vestígios de sangue melanésio se perdiam do litoral para o interior, feita uma conveniente reserva sobre os cabelos, cuja conformação não pôde verdadeiramente apreciar. Jul-

(1) Cumpre-me prevenir que os 28 crânios do Museu de Coimbra que serviram de base ao estudo do sr. Barros e Cunha só por providencial acaso serão de indígenas timorezes na sua totalidade. Por averiguações a que procedi, soube que esses crânios foram levantados duma *Ficus indica* — a árvore sagrada — do estado indígena, ou reino, de Cová, e seriam os restos trágicos da infeliz coluna do capitão Camara, massacrados em Fatumian no ano de 1895. Dessa coluna faziam parte timorezes, africanos, índios e portugueses.



(Maubara) — Danças guerreiras



(Fatumassi) — Uma dança (*siguil*) de mulheres



gando pelas feições e pela qualidade dos cabelos — escreve o dr. H. ten Kate (*Mélanges Anthropologiques*, 1915) — parece haver dois tipos distintos entre os *Ema-Bélu*. Um, de cabelos lisos, traços salientes, nariz direito ou ligeiramente convexo e de estatura relativamente alta e sêca, mais ou menos mongoloide no seu conjunto. O outro, assemelhando-se bastante aos *Atoni-Timor*, mas menos negroide. Também esporadicamente notou, sobretudo entre as mulheres, fisionomias polinesianas.

Resumindo as suas observações, e extraindo delas as conclusões que lhe pareceram lógicas, o dr. H. ten Kate admite que os habitantes do Arquipélago Timorez seriam o produto do cruzamento de duas sub-raças ou sub-tipos negroides (melanésios), pertencendo á grande raça dos negros da Oceânia e de trez sub-raças ou sub-tipos amarelos, tendo abandonado a hipótese dum cruzamento negrito-papua em Timor . . . pelo menos até que a existência de Negritos nesta ilha se torna averiguada. Entretanto, teria varias afinidades com a raça negrito uma das sub-raças negroides que teriam concorrido para a formação dos povos do arquipélago, e corresponderia a um tipo papua muito pronunciado a segunda sub-raça ou sub-tipo que, como elemento negro, aparece na mistura. As trez sub-raças ou sub-tipos amarelos corresponderiam pelos seus caracteres: uma delas aos Indonésios de Hamy; a outra, destacando-se pelos traços hindu-semitas das feições; a terceira, sendo nitidamente a raça malaia dos autores, na qual o dr. ten Kate filia o tipo macassar-bughi grosseiro.

Em 1916, o sr. dr. Mendes Corrêa, trabalhando sobre dados antropométricos do meu ilustre camarada, capitão Fonseca Cardoso, que em Timor observara 107 indigenas do encravamento Oekussi-Ambeno, publica sobre os povos

desta região um valioso e interessantíssimo estudo (*Timorenses de Okussi e Ambeno*), que remata pelas conclusões seguintes: *Este estudo antropológico sobre os territórios de Okussi e Ambeno não permite afirmar que um tipo papúa, melanésio ou australiano, seja o dominante em toda a ilha. Ao contrario, em ambos os territorios, prevalecem tipos de origem principalmente malaia. Nesses tipos já mistos em que o malaio se desdobra ás vezes nos seus componentes, dando-nos, por exemplo, de quando em quando, revivescências indonésias e chinas, se infiltraram sem cessar variados elementos antropológicos, de que deixaram traços característicos o papúa, o hindú, o árabe, etc.* E opina que o timorense médio por ele estudado deve parecer-se muito com o "batak", que Quatrefages reproduz na sua *Histoire générale des races humaines*. Como o dr. H. ten Kate, também o ilustre professor duvida da existência dum elemento negrito, e consigna que a influência papúa se desvanece do litoral para a montanha, onde um outro elemento negroide — melanésio ou australiano — teria exercido a sua acção.

Num outro estudo posteriormente publicado (*Antropologia Timorense*), o sr. dr. Mendes Correia, efectuando a síntese de todas as conclusões antropológicas, procura fixar a distribuição e coexistência das raças no território timorense entendendo: que uma mancha indonésia alastra do centro do território dos Belos para leste sobretudo; que o noroeste (Okussi) é principalmente malaio com maior ou menor impregnação melânica; enfim que o oeste e (sudoeste) é mais negroide, excepto na região de Cupang, que se avizinha da dos Belos, sob o ponto de vista antropológico.

E neste ponto pára todo o avanço da sciência relativamente aos povos de Timor. Não é muito, confessemos; mas, no que respeita á parte portuguesa, é, todavia, mais do que

seria legítimo esperar-se desde que os governos absolutamente se desinteressam dos estudos desta natureza, quando não sucede ainda, como a mim próprio aconteceu, sofrer-se a hostilidade dos governadores locais com todo o impudor da sua maldade ou com toda a inconsciência da sua ignorância.

Entretanto, e só pelos elementos que a antropologia nos fornece, eu julgo que poderíamos ter concluído, quanto á origem étnica das populações timorezas, duma forma um tanto diferente daquelas que até a data representam a última palavra. Noto sobretudo a repugnância manifestada pelos srs. drs. H. ten Kate e Mendes Corrêa em aceitarem a influência dum elemento negrito na génese dos povos timorenses, quando é certo que esse elemento, embora não existindo em Timor, á ilha podia ter chegado em cruzamentos vindos das Filipinas ou da Nova-Guiné, onde existem respectivamente, os *Aetas* e os *Pigmeus*, ambos considerados subdivisões da raça Negrito; e ousou mesmo supôr apesar das contestações e dúvidas da sciência, que esse cruzamento se poderia ter efectuado em Sumatra, com os negroides de pequena estatura, cabeleira crespa, nariz achatado, boca proeminente e lábios espessos, que foram caracterizados pelo Dr. Van Leent, e que lembram os Samangs da península de Malaca. É noto ainda uma indecisão flagrante no que se refere á discriminação dos tipos ou raças amarelas que porventura intervieram na formação dos núcleos timorezes, indecisão que a meu vêr resulta da imperfeita distinção entre as raças Malaia e Indonésia, incontestavelmente muito menos rigorosa que entre as raças Malaia e Batak, segundo a distribuição geográfica e os caracteres diferenciais estabelecidos por Van Leent (*Contributions à la géographie médicale des possessions néerlandaises des Indes Orientales, 1867*).

Eu não sou — e devo dizer já — partidário duma primeira ocupação de Timor por indígenas de raça negra — Negritos, Papúas ou Melanésios — e julgo que as observações antropológicas confirmam a minha opinião. O sr. dr. H. ten Kate, que viu os Ema Belu até ao interior do Lama-kmén, afirma que os caracteres negroides se disfarçam do litoral para o centro da ilha. Quer dizer: é justamente no interior da ilha, onde seria mais legítimo encontrar-se qualquer elemento negroide na sua maior pureza, pela impulsão sofrida das migrações malasianas entrando pela costa, que esse elemento mais se desvanece. Ora como explicar esta circunstância senão pela inexistência de populações negroides quando se estabeleceram as correntes migratórias e se operou a infiltração malasiana? E se atendermos ainda á raridade com que em Timor se descobrem os cabelos crespos, sendo mesmo constantemente inferior a percentagem dos cabelos frisados em relação aos ondedados e aos lisos, não me parece ousado afirmar que seriam malasianos, isto é, indígenas de raça amarela, os antecessores, ou, melhor, os primitivos ocupantes da ilha, talvez parentes próximos, senão irmãos dos montanhezes da Celebes e das Molucas que a ciência etnológica conhece pela designação de *Alfuros*, e de cuja caracterização tanto se aproximam os *Firaku* do interior montanhoso das regiões de leste, tipos geralmente finos, de feições hindo-europeias, onde apenas se destacam vestígios de sangue negro nos anéis de alguns cabelos.

Não quero, porém, precipitar juízos ou fixar ideias sem primeiramente expôr o que pelos ensinamentos da história, e pelas indicações da linguística, e ainda pelos vestígios, embora falazes, da etnografia, possa concorrer para firmar opiniões. É este mesmo o único fim da minha comunicação. Durante cerca de seis anos não me poupei a sacrifícios pecu-

niários, nem a cancelas, para descobrir as afinidades étnicas das populações timorezas sujeitas ao domínio de Portugal. E, quando já em volume tinha reunido todo o produto do meu trabalho, constando dele uma carta étnica e dezesseis quadros linguísticos que laboriosamente organisara e pacientemente discutira, eis que tudo se perde, com livros e documentos, no torpedeamento trágico do "Magellan", em Dezembro de 1916, deixando-me absolutamente impossibilitado de seguir hoje, com segurança, todo o conjunto de investigações que me levaram a traçar o caminho provavel das migrações que afluiram as costas de Timor, e nessa terra hospitaleira e ubérrima fixaram residência.

Não é, pois, uma comunicação inteiramente documentada esta que agora faço. É apenas uma exposição succinta do pouco que a memória em mim guardou, apenas avivada pela leitura de algumas publicações que ainda me foi possível consultar. E se ousar arrancar do esquecimento, a que já estava condenado, esse pouco que hoje torno público, é porque uma vontade superior á minha provocou a exumação, assumindo ela, implicitamente, a responsabilidade do meu delicto, que a ciência, decerto, me não desculpará.

Feita esta prevenção, fica-me a consciência tranquila. E, se destes restos, ainda sobreviventes do meu trabalho, alguma coisa de util puder extrair-se e aproveitar-se, a mim caberá apenas a consolação de têr dedicado o meu esforço á obra duma excavação laboriosa, sendo ao sr. dr. Mendes Corrêa que a ciência ficará devendo todo o auxílio que desta comunicação resulte, pois que ele foi a alma tenacissima que a este cometimento me arrastou.

Nos 16.847 km.² da ilha de Timor que pertencem a Portugal, vive uma população de 377.815 habitantes, segundo o censo de 1915, dos quaes 5.194 na ilha de Ataúro ou Pulo-Kambing e 13.251 em Oèkussi-Ambenu. Essa população, ao mesmo tempo pastoril e agrícola, dedica-se, quasi geralmente, á criação de gados bufalino, cavalari, caprino e suino, sem excluir as aves domesticas, e cultiva, para sua alimentação, o milho, o arroz, o feijão, a batata doce, o inhame e a abóbora, e, para sua economia, o coqueiro (principalmente nas regiões de leste), o cafeeiro (no centro da ilha), o tabaco, o algodão, o indigo, e ainda as árvores de fruta, entre as quaes abundam as bananeiras, as papaieiras, as jaqueiras, as lorangeiras, as tangerineiras, as ateiras, etc.

Tendo perdido por temôr da pirataria, o hábito do mar, só num ou noutro ponto da costa praticam a indústria da pesca por meio de embarcações, efectuando-a, porem, ao candeio em grandes cortejos noturnos, excepção feita dos insulares que encontram no mar a sua maior fonte de recursos.

População heterogénea pelos seus caracteres físicos e pelas línguas, tornou-se facil a suposição de que a cada estado indígena — designados ordinariamente pelo nome português da *reinos* — corresponderia uma raça, falando um dialecto próprio, cabendo-me a mim averiguar que todos os dialectos de metade oriental de Timor não constituem mais de sete grupos absolutamente distintos, e esses grupos representarão decerto os povos de diversa origem que na ilha foram estabelecer-se.

De oeste para leste, a partir da fronteira portuguesa, taes grupos são os seguintes:

1.º, povos que falam o *kémak*, o *nógò*, o *manua*, o *gári*, o *manbai*, o *tokodé* (ou *tokodede*), e o *kéhà*, ocupando parte do comando militar de Batugadé, os comandos militares do Suro, Hatu-hia e Siquiçá, e quasi todo o comando militar de Aileu; representa pouco menos de $\frac{1}{3}$ da população sujeita ao domínio português;

2.º, populações que falam o *tétung*, o *damáta* e o *édi*, ocupando parte dos comandos militares de Batugadé, Covahima, Manufahi, Manututu, e Vékèke (Viqueque), e falando-se, com alterações, em Déli (Dili), e povoações isoladas da Hera e Motáing (Motael);

O *tétung* é quasi uma lingua franca na parte central de Timor, sendo compreendido e falado por muitos indígenas do 1.º grupo.

3.º, estados indígenas que falam o *búnak*, nos comandos militares de Bubunaru e Manufahi;

4.º, povos que falam o *galoli*, o *idát*, o *lakalei*, o *nukáèk*, o *háhak* e o *baba*, pertencentes os dois últimos á ilha de Ataúro, e ocupando os outros a maior parte do comando militar de Manututu, parte dos comandos militares de Baukau e de Manufahi, e alguns logares da Hera;

5.º, populações que falam o *kairui*, o *midik* (ou *maidik*), o *waimôa* (ou *waimá*), e o *ábu*, em parte dos comandos militares de Manututu, de Baukau e de Vékèke;

6.º, estados indígenas que falam o *makassai* e o *nau-hete*, na maior parte do comando militar de Baukau, e em parte dos comandos militares de Lautén e de Vékèke;

7.º, e finalmente, povos que falam o *dagadá*, na maior parte do comando militar de Lautén.

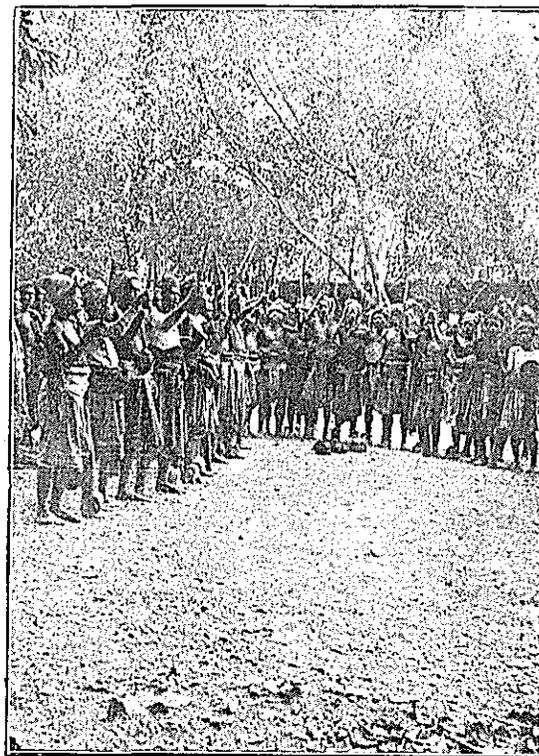
E' possível que alguns dos dialectos por mim citados

tenham de sofrer deslocação de um para outro grupo, pois que a minha memória não define hoje com precisão o lugar que lhes compete. Mas as manchas que demarcarem os núcleos sobre a carta não sofrerão, por esse facto, alterações profundas, pois que todas se manterão sem solução de continuidade, excepção feita ás populações que falam o *tetung* e seus dialectos, únicas que se dispersam no território, saltando duma longa faixa da montanha e litoral da contracosta para a costa-norte, onde ocupam pontos destacados.

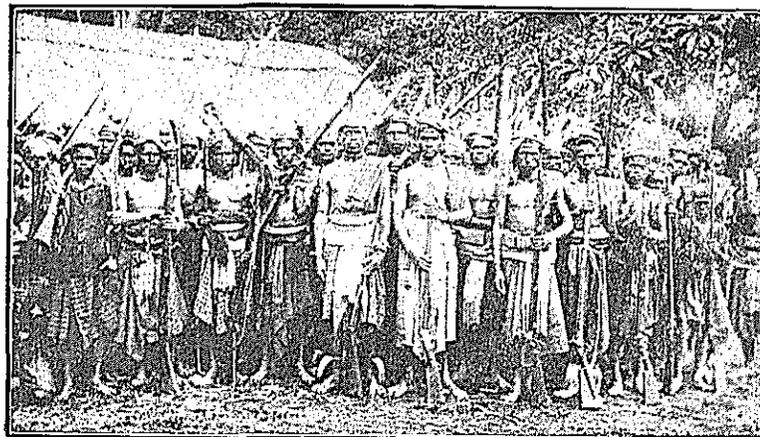
Se aguarelarmos sobre uma carta de Timor os espaços correspondentes a estes grupos linguísticos, teremos, a meu vêr, perfeitamente definida a distribuição antropogeográfica das populações timorezas dentro da província dos *Belu*. Os povos do Oèkussi-Ambenu, encravados entre os Atoni-Timor e falando o *vaikênu* (ou, mais correctamente, o *bikênu*), constituem um grupo inteiramente diverso, que se poderá considerar um oitavo grupo das populações sujeitas ao domínio português.

Todos os dialectos timorezes, com excepção dos que constituem o 3.º, 5.º e 7.º grupos, são manifestamente malasianos, acusando afinidades flagrantes com as línguas de Sumatra, Java, Celebes, Filipinas e Molucas, e não se encontrando em nenhum deles a menor relação de parentesco com as línguas ou dialectos australianos. Devemos, por conseguinte, abandonar inteiramente a hipótese de qualquer influencia australiana na génese dos povos de Timor, pois, que, se ela existisse, o confronto linguístico não daria o resultado negativo que eu pude constatar, havendo consultado mais de oitenta dialectos daquela proveniência com cerca de duzentos vocabulos.

Como o Dr. A. Lesson presumira, é certo que em alguns dialectos timorezes aparecem termos que são co-



(Liquiçá) — O canto do "lorçá,



(Liquiçá) — Um "arraial" de guerra

muns ou semelhantes nas ilhas Fidji. E estão neste caso, entre outros: os numeraes; os nomes de pai e mãe, que são respectivamente *tama* e *tina* nas Fidji e *ama* e *ina* entre muitos dos povos timorezes; as designações de fogo (*Apú* nas Fidji, e *api* e *ahi* em Timor); de dia (respectivamente *aro* e *are* nos dialectos do 1.º grupo); de cabeça (*ulu* e *uluk*); de mar (*tassi*); de lua (*Vula*, e *Fulan* e *Hula*); de enguia (*duna* e *tuna*); de peixe (*ika*); de chuva (*uka* e *uda*); de côco (*niu* e *nó*), de banana (*vudi* e *hudi*), de pedra (*vatú* e *fatu* e *hatu*), de morte (*mate*), etc. Mas muitos destes nomes aparecem também nas línguas polinésias, e encontram-se, com a mais perfeita identidade, no *bátak* de Sumatra, no *tagalo* e *bissaia* de Luçon e Mindaná, e nos dialectos de Celebes. Os vocábulos que o dr. A. Lesson, no seu estudo, supõe *fidjianos* existem, em grande parte, nos dialectos de Timor, mas com significação diferente. Comuns são os que citei.

Consultando um vocabulário *bátak*, eu tive a impressão duma influência marcante nos dialectos que constituem o primeiro dos grupos supracitados; os pronomes pessoais, os numeraes, as designações de pai e mãe, de cabeça, e nariz, e lua, e fogo, etc., são inteiramente *bátaks* e não malaias, nem javanezas. E se se repetem na ilha de Celebes, nas Filipinas, nas Molucas e na Polinésia, é porque o elemento *batak* também nelas penetrou, faltando apenas fazer-se justiça ao povo que devia ter sido o maior navegador do Oriente, talvez o *Povo Desconhecido* de que nos falou Crawford.

Mas em Timor ficaram como padrões da sua passagem pontos cuja denominação não admite dúvidas; temos, por exemplo, na costa-norte, *Maubara*, que não é mais que a ligeira corrupção de *mawara*, que em *batak* significa — foz

de ribeira; e na mesma costa encontramos o lugar de *Hera*, que exprime na mesma língua — *logar paradisiaco*; temos ainda, muito mais esclarecedoramente, o porto de Déli, por nós incorrectamente designado por Dily, que parece designar o porto de Sumatra por onde passaram as correntes migratórias; temos, finalmente, a região de *Alas*, na contracosta, lembrando os povos *Alas*, de raça *batak*, que habitam no interior de Sumatra. E se é certo que na mesma ilha vivem os *Timor-bataks*, de que nos fala A. de Cabaton em *Les Indes Néerlandaises*, então só esse nome bastará para nos convencer de que seriam *bataks* os primeiros colonisadores da ilha, pois que a palavra *timor*, designando em *malaio* — oriente, não tem significação alguma nas línguas timorezas, e apenas designa o povo. Mas ha mais indícios ainda: o reino de *Ména*, em Oèkussi, lembrando a palavra *menang* que, em *batak*, significa *vitória*; o dialecto *edi*, da *Hera*, recordando a povoação *Edi* de Sumatra, ao sul do promontório Ponta de Diamante.

E é caso para recordar agora que o sr. dr. Mendes Corrêa concluiu, num dos seus trabalhos, que o timorense médio, por êle estudado, devia parecer-se ao *batak* da gravura da *Histoire générale des races humaines*, de Quatrefages, acrescentando eu que é tambem um tipo timorez vulgar o *Orang-batak* da gravura de Barbant, sobre uma fotografia de Brau de Saint-Paul Lias, que figura na *Nouvelle Géographie Universelle* de Elysée Reclus.

Não devo eu occultar que nos dialectos timorezes apparecem muitos vocábulos cuja origem se pode supôr malaia. Mas são termos comuns ao malaio e ao *batak*, não sendo, em minha opinião, a lingua malaia senão uma filha ou irmã da lingua *batak*, modificada pelas influências do sânscrito e

do árabe, tendo recebido deste ultimo idioma os caracteres da sua escrita.

Dá-se uma circunstância importantissima em Timor, que julgo concludente sobre a inexistência duma influencia malaia: é não apparecerem vestígios da religião mahometana entre as populações da ilha. O *malaio*, onde se estabeleceu, vincou a sua fé religiosa: e o timorez desconhece os mais rudimentares preceitos dessa crença, que apenas se pratica nas povoações de *mouros* estabelecidas nas proximidades de Déli.

E não se veja uma influencia mahometana na presumida poligamia dos povos timorenses. A poligamia não existe como um direito do homem, mas apenas como uma concessão da primeira mulher; e o censo de 1915, dadas 75.055 varões casados com 78.117 mulheres, demonstra claramente quão pouco se generalisa essa concessão.

O povo malaio, segundo o afirmou Marsden, é um povo de dois dias em comparação dos sumatrenses do interior. A sua história marítima começa no XIII século, depois da fundação de Malaca. Ora as correntes migratórias que, seguindo diversos rumos, se dirigiram para Timor, deviam ter abandonado o seu paiz antes de possuirem uma linguagem escrita, que não é conhecida de nenhum dos povos timorenses. Quer isto dizer que essas migrações se teriam efectuado antes de se exercer em Sumatra e Java uma influencia hindu, que segundo informa Thompson (*The Story of the New Zealand*, 1859), devia ter começado no 1.º século da era cristã.

Este mesmo escritor, baseando-se numa informação do capitão King, recolhida por Marsden (*History of Sumatra*), cita que numerosos *prós* (embarcações) malaios se transportavam anualmente, outróra, de Sumatra até ás costas norte

da Austrália, no estreito de Torres, para ali pescarem, passando por Java ou Bornéo e fazendo escala por Timor. Não devemos ligar grande importância á palavra *malaio* escrita pelo autor, reparando apenas na indicação da procedência das embarcações — Sumatra, onde vivem os povos *bátaks*.

Um outro escritor inglez, John Williams, consultando o mesmo livro de Marsden, informa que "diferentes factos provam que, muito tempo antes da visita dos europeus, os povos de Sumatra tinham ido fundar, no arquipélago de leste, estados marítimos poderosos e extensos," (*A Narrative of missionary enterprises in the Sout Sea Island*, London, 1837). E já se não vê aqui o emprego da palavra *malaio* mas a indicação genérica de *povos de Sumatra*. É certo que, logo abaixo, nós diz que a costa da Nova-Holanda era desde ha muito tempo conhecida dos *Malaio*s, e que, em cada ano, uma frota de *prós* deixa Macassar para ir ali pescar, passando por Timor; mas basta-nos reparar no ponto de partida para se verificar a imprecisão do termo, pois que as frotas daquela proveniência seriam mais provavelmente tripuladas por *Macassares* ou *Bughis*, do que por *Malaio*s, e é certo que Timor, como veremos, era frequentemente visitada por aqueles ousados insulares, que são habilíssimos navegadores.

Á palavra *malaio*, que em Timor sofre uma síncope pronunciando-se *malai*, liga-se na ilha apenas esta ideia: — estrangeiro ou intruso. É um *malai* o portuguez, como o é o holandês, como o são ainda o índio ou o preto africano. Os outros indígenas da Malásia que, no exercício da pesca ou do comércio, aportam á ilha, os timorezes designam-nos por — *mouros*.

A sciência antropológica reconhece hoje que entre Ma-

laios e Indonésios a diferença é muito menor do que se supoz. E inclina-se a crêr, como Deniker, que os Indonésios seriam o tipo dos *Malaio*s puros, verdadeiros *Protomalaio*s. Eu avanço mais: a impressão que me ficou no fim do meu estudo sobre os povos da Oceânia, quando procurava a origem das populações de Timor, foi que os *Protomalaio*s seriam unicamente os *bátaks*, modificados na sua língua, nos seus costumes e no seu aspecto físico pelas influências hindu, árabe e javaneza, da última das quais teriam recebido os caracteres mongoloides que lhes são atribuidos. (Vid. *Les Polynésiens*, t. 1, pg. 173).

A origem sumatrana dos povos que falam o *tétung* é ainda demonstrada pelos seguintes factos: as povoações agrupam-se em *suku*, como em diversos pontos de Sumatra, e os estados indígenas são governados por um *liorai*, que pode ser a corrupção da palavra javaneza *lurah* (chefe de povoação) mas que é mais presumivelmente a do título nobiliárquico *larah*, de alguns príncipes indígenas de Sumatra.

O elemento *bátak*, devo dizer-lo, não teria chegado a Timor num grande estado de pureza, deslocando-se directamente duma para outra ilha. Os dialectos do grupo onde a sua acção mais claramente se afirma revelam um cruzamento na Celebes e nas Molucas, mas muito principalmente na primeira, effectuado provavelmente na costa oriental da ilha. As linguas de Menado apresentam analogias flagrantes com as do 2.º grupo timorês, e a antropologia faz-nos aceitar como tendo uma formação idêntica alguns povos de Timor e da Celébes.

Os povos que falam os dialectos do primeiro grupo por mim definido, e que indubitavelmente chegaram a Timor depois daqueles que filiei no segundo grupo accusam uma

maior influência da Célebes e das Molucas, com vestígios de elementos filipinos e javanezes. Este ultimo elemento provém certamente das Molucas, pois segundo Valentyn (*Sur Amboine*, 1714, cit. por A. Lesson em *Les Polynésiens*, t. 1), a história ensina-nos que, desde 1304, colónias de javanezes se estabeleceram naquelas ilhas. E foi certamente dali que elas, sofrendo outros cruzamentos, desceram até Timor.

A influência do elemento filipino, embora não muito extensa, podia ser directa ou indirecta, pois que Timor era frequentado por embarcações de Luçon, como o prova Pigafetta na sua memória *Premier voyage autour du monde...* registando que as encontrou no comércio do sândalo. Além disso a história regista as excursões marítimas dos piratas de Mindanao ou Magindano, que frequentemente visitavam as costas de Celebes, de Gilolo e das Molucas, onde iam buscar escravos (Elysée Reclus, obra cit.)

A designação das suas povoações — *lissa* — é uma reminiscência das *desa* javanezas; os seus chefes principais — *datu* — são decerto uma importação de Mindanao, onde têm o mesmo nome e importância; as habitações de Likossá (Liquiçá) — designadas *soa* — indicam uma origem molucana, pois é a mesma designação das casas comunaes de Buru.

Nos dialectos deste grupo abundam os vocábulos das ilhas malasianas que defrontam a Melanésia. Todavia o fundo, o grosso da população, pertenceria a uma raça mais primitiva, pois que a sua numeração, verdadeiramente, acaba no numero 5, como a dos negritos *Aétas*, e de alguns povos da Melanésia. O número 10 é malasiano.

Os seus caracteres físicos demonstram uma maior influência negroide que entre os povos do segundo grupo. São frequentes os cabelos crespos e ondedados; o nariz

papua; de apex pendente; e medí muitos indígenas de estatura superior á média, tendo alguns excedido 1^m,70. Não é possível definir um tipo médio; mas ha dois caracteres que se podem fixar: — a forma do rôsto, máis comprida do que larga, frequentemente oval ou terminando em ponta; e a conformação dos olhos, sempre rectos desde que não haja mistura de sangue chinês. A figura das mulheres é mais malasiana: os cabelos são quazi geralmente lisos; os olhos belos e de expressão dôce; as feições quasi correctas, com excepção do nariz — um tanto achatado e largo — e dos lábios — um pouco grossos.

Os povos do 4.^o grupo devem ter a mesma origem, tendo-os eu separado apenas porque a sua língua demonstra uma maior perfeição gramatical. Os vocábulos dos dialectos do 1.^o grupo são inflexivos, não se alterando para exprimir o género, o número e os casos que se distinguem por palavras especiais; os seus verbos não possuem tempos, nem modos, e só pelos pronomes pessoais se aclara a frase. Nos dialectos do 4.^o grupo já existem regras gramaticais: são frequentes as flexões por meio de partículas e a linguagem falada torna-se mais complexa. Todavia o parentesco manifesta-se evidentemente numa simples comparação dos vocabulários; os termos comuns são inúmeros, demonstrando a mesma origem apenas com a influência dum elemento extranho. Quando mais não houvesse, bastaria a palavra *nussa*, que designa *ilha*, para acusar vestígios javanezes, sabendo-se — como se sabe — que os povos sumatranos têm a palavra *pulo* para exprimir o mesmo nome.

Nada posso dizer quanto ás afinidades linguísticas relativas aos dialectos dos outros grupos, por não ter encontrado analogias suficientemente esclarecedoras nos vocabulários que consultei. Noto, todavia, que o simples nome do dialecto

makassai, do 6.º grupo, parece acusar uma influência da Celebes, onde se fala o *makassar*. Os agrupamentos de que tratei são, porém, os mais importantes da colônia, devendo representar cerca de $\frac{2}{3}$ da população sujeita ao nosso domínio.

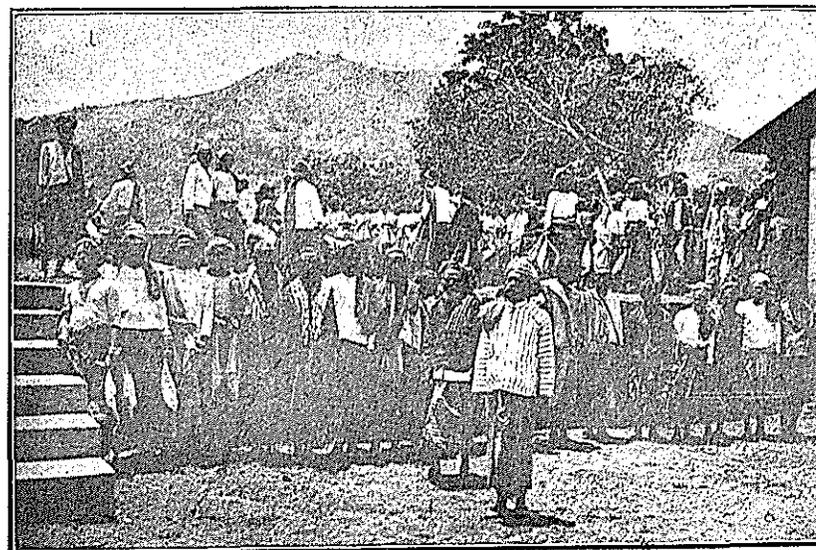
Vejam agora até que ponto a história e a tradição confirmam as indicações linguísticas.

Já me referi ao facto, recolhido pelo capitão King e aceite por Marsden, da frequência com que frotas saídas de Sumatra teriam fundeado nas costas de Timor e presumi que a tripulação dessas frotas fosse principalmente *batak* pela ausência de vestígios que nitidamente marcassem uma influência malaia. Isto não quer dizer, porém, que elementos malaios ali se não tivessem estabelecido, o que seria negar a tradição histórica; mas esses elementos seriam decerto tão pouco numerosos que a sua influência não chegou a vincar-se na língua e nos costumes, sujeitando-se certamente aos costumes e língua da população.

Já vimos também que Pigafetta encontrara na ilha, em 1521, juncos de Luçon, devendo acrescentar que, ao lado deles, fundeavam barcos de Malaca. Quando os missionários portugueses passaram de Solor a Timor em 1561, encontraram a ilha dividida em duas zonas de influência política, a que chamaram as províncias do Sorvião e dos Belos, obedecendo a primeira ao *leorai* (régulo) do Sonebait e a segunda ao do *Béhale*. Desconheço a origem e significado da palavra Sorvião, que define quasi rigorosamente o território ocupado pelos *Atoni-Timor*; a corrupção do termo é manifesta, e em Timor é vulgaríssima. Mas



(Liquei) — Indigenas em trajes de guerra



(Fatumassi) — O régulo (*leorai*), chefes indigenas e povo de Fatumassi

a palavra *Belos*, abrangendo todo o território dos *Ema-Belu*, é altamente elucidativa: — em diversos dialectos de Timor, *belu* significa *amigo* ou *aliado*. Quer dizer: os *Ema-Belu* (gente amiga) têm-se-iam infiltrado na ilha não como conquistadores mas como protectores, ligando-se com as mulheres e efectuando, depois, a usurpação lenta do território.

Os primeiros teriam sido os indígenas do 2.º grupo, que falam o *tetung*, pois que algumas povoações da metade setentrional da ilha conservam ainda os nomes que elles lhes atribuíram, estando neste caso, por exemplo, *Fatu-massing*, que no dialecto local seria *Hatu-cia*, e *Baba-bôno* (ou *Babôno*), que se exprimiria em *tokodé* por *Baba-baku*. A invasão dos indígenas do 1.º grupo repeliu-os para a contra-costa, onde ocupam a faixa marítima e parte da vertente sul da cordilheira central da ilha.

A influência do régulo do *Behale* sobre uma grande parte dos *Ema-Belu* também historicamente se explica. Como registou Ch. Delavaud no seu artigo de *La Grande Encyclopédie*, sobre Timor, os primeiros emigrantes, originários de Ternate, penetraram pela costa meridional da ilha, tendo desembarcado em Waiwiko-Wailahi, dando origem a famílias principescas. Ora a indicação do porto mostra que foi no Behale que esse desembarque se efectuou. E o sultão de Ternate tão senhor se julgava da ilha que a legou em testamento á Companhia das Índias Neerlandezas, como o afirmou o delegado holandez Styen Parvé ao governador Julião Vieira em 1847. A notícia desta invasão foi comunicada aos missionários portugueses de Solor por indígenas de Timor, e Afonso de Castro dá-nos conhecimento do facto no seu livro *Possessões portuguezas na Oceânia*.

Não seriam, porém, só indígenas de Ternate os invasores porque a influência do sultão de Ternate estendia-se

até á Celebes e parte das Molucas, faltando indícios da língua de Ternate nos dialectos de Timor. Além desta invasão, sofreu Timor, — pouco depois da queda de Malaca em 1640, — o ataque duma frota do sultão de Tólo, tio do sultão de Macassar, que era constituída por 150 embarcações com cerca de 7.000 homens, a qual raziou as duas costas, levando escravos. Submeteram-se a este potentado os estados indígenas do Behale, Sonebañt, Manubang, Mena e Lifau, sendo de presumir que muitos dos *makassares* atacantes na ilha tenham ficado.

Diz-nos ainda Afonso de Castro que a ilha era frequentemente visitada por malaios, makassares, buginezes, bali-nezes e outros insulares, e, num officio de Junho de 1816, o governador José Pinto de Alcoforado e Souza, fala na frequente introdução de géneros feita pelos *makassares* em todos os portos da ilha, sucedendo ainda que, em Maio de 1847, duas embarcações *bughis* ou *makassares*, tendo desembarcado a tripulação na praia de Sama (costa de Lautén), aí provocaram um conflito grave com as forças do governo, tendo a ajuda-las o povo de Sarau, que deu refúgio aos estrangeiros, auxiliando-os na fuga.

Além destes povos, que teriam visitado a ilha, e pouco a pouco se foram infiltrando nas populações, temos ainda os originários de *Larantuka*, que como guerreiros acompanharam os missionários portuguezes, e dos quaes existe ainda em Deli a companhia de moradores de *Sika*, que em 1769, se transportou de Lifau com o governador António José Teles de Menezes. São, decerto, *sikanezes* do litoral relativamente aos quaes o dr. H. ten Kate escreveu que: "*os caracteres das raças amarelas predominavam entre elles e que Macassares e outros elementos estrangeiros se teriam com elles misturado.*"

Demonstram, pois, a história e a tradição que as mais fortes influências estrangeiras teriam chegado a Timor do extremo leste das ilhas malasianas, por onde transitaram decerto os elementos sumatranos e javanezes que se destacam na mescla.

A influência que em Timor exerceram na região dos *Belu* as casas reinantes de certos estados indígenas, parece acusar a diversidade da sua procedência, e julgo conveniente referi-la aqui.

Pigafetta consigna que na região dos *Belu* havia quatro povoações principaes governadas por quatro irmãos, e chama-lhes — Oibich, Lichsana, Suai e Cabanaza. Ora estes nomes correspondem a trez estados da contra-costa — Wai-biko (Behale), Suai e Camanasse, e um da costa-norte — Likossá.

Mas as principaes influências eram as de Likossá, na metade setentrional, e do *Behale*, na metade meridional, constando elas do relatório do governador Barreto da Gama, com data de 15 de Dezembro de 1734, e do officio do governador Pinto Alcoforado, de 10 de Junho de 1817, e sendo certo que ainda hoje, nas guerras dos povos, as expressões *biru-Likossá* ou *biru-Behale* definem os partidos como o *S. Tiago* e *S. Jorge* de castelhanos e portuguezes.

E' agora tempo de terminar, e termino dizendo a razão porque supôngo predominar entre os povos de Timor um elemento somatológico *alfuru*, da mesma natureza dos que foram observados em Bornéo, na Celebes, em Gilolo, e nas Molucas.

Porque os *alfuros*, sendo em geral mais brancos que os próprios malaios, têm caracteres comuns aos *papuás*, o que torna fácil o equívoco quando mensurados ou simplesmente observados. Nas línguas de Timor aparecem termos que não são *bataks*, nem malaios, nem javanezes, nem de quaesquer outros insulares estabelecidos nas costas das terras malasianas, e os *alfuros* têm uma língua diferente daquelas. Os *alfuros* usam, além do arco e da frecha, o sabre, a lança, e o escudo, justamente como em Timor. Têm a mesma paixão pelos adôrnos, pulseiras de metal e colares, e o mesmo amôr pelas dansas. A sua cronologia é regulada pelos trabalhos agrícolas, e a hora do dia é-lhes indicada pela altura do sol, precisamente como entre os timorezes.

E quem observa a ilha, como eu a observei, percorrendo-a duma a outra costa, subindo diversas vezes ao cume das suas montanhas, não pode deixar de sentir-se impressionado pela frequência com que no interior se encontram indígenas mais claros, e de feições mais correctas do que no litoral, embora muitos de nariz aquilino e de cabelos frisados como os *papuás*, mas também como os *polinésios* e os *alfuros*.

Quanto ás populações de cabelos ruivos e de olhos garsos, que tanto impressionaram o dr. Henry Forbes, é possível que a explicação do mistério se encontre na tragédia passada a bordo do navio inglês *Bounty*, em 1791, que levou a Timor o tenente Bligh, seu comandante, com 17 marinheiros, seguindo a tripulação restante para Pitcairn, onde, com mulheres tahitianas, criaram a população loira daquela ilha. Os restantes indígenas de cabelos ruivos, com olhos negros, das regiões de leste, são decerto revivescências atávicas,

pois que alguns são filhos de pais e mães de cabelos negros. E entre os povos Kirapuno, da Nova Guiné, com os quais talvez tenham afinidade alguns povos de Vékéke, que trabalham a terra de forma idêntica, dão-se casos esporádicos análogos.

*

Partidário convicto do monogenismo, que na vertente norte do Himalaia põe a origem do homem, eu não posso acreditar nas migrações de leste para oeste, que dariam aos *Polinésios* um papel primacial na formação dos povos malasianos, como pretendeu demonstrar A. Lesson. A razoavel quantidade de termos *polinésios* que aparecem nas línguas malasianas torna-se comum na língua *batak*, e é esta a fonte a que eu os atribuo.